

## **A Importância da Mediação na Educação para um Uso Criterioso da Televisão**

**Sara Pereira**  
Professora Auxiliar  
Instituto de Estudos da Criança  
Universidade do Minho

Ensinar as crianças a serem alfabetizadas no campo dos media é, ou deveria ser, actualmente, um dos grandes objectivos das instituições educativas de todos os graus de ensino. É hoje cada vez mais reconhecida a importância da escola educar para os media, promovendo uma reflexão sobre o impacto social e cultural dos meios de comunicação na sociedade actual, e integrando e explorando as experiências que as crianças têm com os diferentes *media*.

Contudo, não se pode estudar as experiências mediáticas de uma forma isolada, como se tratasse apenas de mais uma matéria escolar; é necessário considerar o contexto em que ocorrem. Se atendermos a que a maior parte do consumo, nomeadamente do consumo televisivo, ocorre em casa, no contexto familiar, percebemos que a educação para os media não se pode separar ou desligar da família. É hoje certo que a influência dos media não pode ser compreendida fora de um quadro mais amplo e complexo dos contextos de vida e das relações sociais dos sujeitos e dos grupos sociais.

Se considerarmos, por exemplo, a relação entre a família e a televisão à luz de pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas em países como Inglaterra, EUA, França, e México, somos levados a concluir que a actividade televisiva tem uma relação estreita com a vida familiar e com os distintos modos de organizar a vida quotidiana, constituindo um indicador, um pretexto, e um estímulo para a interacção no seio da família.

A família assume também um importante papel na educação para os media. O desafio que é hoje colocado à escola de ensinar as crianças a desenvolverem atitudes críticas face aos media é também colocado aos pais.

Que estratégias devem então os pais adoptar? O que podem os professores fazer para ajudar os pais nesse sentido? Que formas de cooperação serão possíveis? Como se poderá conciliar, relativamente aos media, as vantagens da educação escolar formal com as realidades e as experiências da vida quotidiana, consideradas na sua individualidade e na sua diversidade?

Para procurar responder a estas e outras questões desenvolvemos um estudo sobre os processos de interacção e de mediação da família em relação à televisão, perspectivadas no contexto mais vasto das práticas sociais quotidianas. Mais especificamente, propusemo-nos conhecer os processos de mediação que os pais desenvolvem em relação às experiências televisivas de crianças na faixa etária dos 3 - 6 anos de idade. Para isso, entrevistamos um grupo de 50 famílias de diferentes meios sociais e geográficos do distrito de Braga, procurando recolher informações, experiências, vivências e opiniões dos pais ou, na sua ausência, de outros ‘adultos significativos’ na vida das crianças.

Para analisar o volume de informações recolhidas, optou-se pela análise de conteúdo de natureza qualitativa tendo como base um conjunto de categorias temáticas.

### **O Conceito de Mediação**

Em termos gerais, e no quadro específico deste estudo, definiu-se mediação como os processos através dos quais os pais e ‘outros significativos’, ajudam as crianças a descodificar e a compreender as complexidades do meio físico e social envolvente. Portanto, consideramos a mediação como o ‘construir pontes’ entre o que a criança sabe e a nova informação a apreender e a estruturar.

No que se refere à televisão, entende-se por **mediação** os processos através dos quais os pais (e ‘outros significativos’), ajudam as crianças a filtrar, diluir, confrontar, interpretar e atribuir significado aos conteúdos dos media. Envolve também as estratégias (directas e indirectas) de restrição e de controlo das experiências televisivas das crianças.

Os processos de mediação facilitam e promovem o conhecimento e a aprendizagem da criança, na medida em que constituem para ela guia, apoio, orientação, estímulo. Através da mediação, a criança, com a ajuda dos ‘outros significativos’, selecciona, interpreta, critica, complementa, organiza, e estrutura as informações provenientes do meio envolvente, permitindo-lhe assim abordar com mais eficiência os ‘assuntos’ da vida quotidiana.

Esse processo depende tanto do papel da criança, como dos recursos e apoios das pessoas com quem interage, como do contexto e práticas culturais do meio em que está inserida e a que pertence.

Considera-se que é através do confronto das percepções e interpretações que as crianças têm e fazem das mensagens recebidas, que pode emergir uma «competência» activa, crítica e criativa (e criadora) face à televisão.

## Formas de Mediação em Relação à Televisão

Foram identificadas na literatura (Weaver e Barbour, 1992) três dimensões distintas da mediação da televisão exercida na família:

- a) Mediação Restritiva: ocorre quando os pais controlam (limitando) a actividade televisiva das crianças em termos de tempo, de conteúdos e de tipos de programas que elas podem ou não podem ver. Envolve a implementação e a execução de regras em relação à actividade televisiva da criança.
- b) Mediação Avaliativa: este tipo de mediação ocorre quando os pais e as crianças vêem televisão com um objectivo, discutem e interpretam os programas com as crianças. Este tipo de mediação proporciona às crianças uma compreensão crítica da televisão.
- c) Mediação Não-Focalizada: é o mesmo que mediação indirecta. Inclui as opiniões e posições dos pais acerca da TV em geral, e comentários genéricos a programas específicos, durante e após o visionamento. Compreende os hábitos e as atitudes dos pais em relação à TV. É a mediação pelo exemplo, pela observação. Exige pouco ou nenhum envolvimento por parte dos pais. Consequentemente, é casual, não deliberada. Vários investigadores sustentam que a grande parte das situações de visionamento em conjunto envolve este tipo de mediação (cf. Dorr *et al.*, 1989).

A análise destas formas de mediação sugere que a restritiva e a avaliativa são **formas directas de mediação** pois exigem uma intervenção deliberada por parte dos pais (ou de quem exerce a mediação). A não-focalizada, é **uma forma de mediação indirecta**. Mas, mediação directa não significa necessariamente **mediação activa**. Esta exige intenção, exige uma estratégia para discutir, explicar, interpretar, confrontar os conteúdos dos programas televisivos; implica envolvimento, participação, e quase sempre o visionamento em conjunto.

Em relação às formas directa / indirecta de mediação em relação à televisão, ambas assumem elevada importância e influência nas experiências televisivas das crianças, tal como vários autores sustentam. Contudo, diversos autores defendem que a mediação activa, as interacções directas e intencionais, são as mais determinantes do processo de mediação, as mais consequentes na forma como as crianças interpretam, compreendem e se apropriam dos conteúdos televisivos e nas aprendizagens que podem realizar através da televisão. Quanto mais directa e deliberada for a mediação, mais efectiva será.

### **Algumas Conclusões do Estudo**

A análise dos dados da investigação empírica permitiu pôr em evidência diversos aspectos, designadamente:

- as práticas televisivas são bastante diversificadas e encontram-se entrelaçadas com as práticas quotidianas; pode dizer-se que a relação família - televisão é social e culturalmente mediada pelo quadro social da vida quotidiana;
- as crianças vêem frequentemente a programação que lhes é especialmente destinada (quase sempre sozinhas ou na companhia dos irmãos), mas vêem também assiduamente a programação familiar ou dirigida a audiências adultas, e na maioria das vezes na companhia dos pais;
- de uma forma geral, os pais não conhecem nem vêem com os filhos a programação destinada especificamente à infância; conseqüentemente, são poucas as situações de mediação desenvolvidas pelos pais em relação aos programas infantis que os seus filhos vêem. As crianças habitualmente vêem esses programas sozinhas ou na companhia de irmãos; só pontualmente é que o fazem na companhia dos pais, apesar de solicitarem frequentemente a sua presença nesses momentos. Importa salvaguardar os (poucos) casos em que os pais se envolvem activamente na experiência televisiva dos seus filhos, procurando acompanhar, conversar e comentar com as crianças o que elas vêem na televisão;
- as crianças vêem diariamente a programação familiar ou destinada a audiências adultas na companhia dos pais. É sobretudo em relação a este tipo de programação que os pais exercem algum tipo de mediação. Quando o visionamento televisivo é realizado em conjunto (entre pais e filhos), e quando os programas são da preferência de ambos, há uma maior probabilidade de diálogo, de troca de impressões, de comentários, de esclarecimentos, etc.;
- das três formas de mediação contempladas na análise - restritiva, avaliativa e não focalizada - a primeira é a que ocorre com mais frequência no seio das famílias estudadas, seguindo-se a não focalizada ou indirecta. Estes dados revelam-nos que os pais adoptam sobretudo atitudes e práticas de restrição, regulação e proibição em relação à televisão. É mais frequente a restrição de determinados programas televisivos, devido aos seus conteúdos (sobretudo de violência e sexo), do que a restrição do tempo de consumo.

Encontramos também pais que exercem formas avaliativas de mediação, ou seja, pais que dizem preocupar-se em explicar às crianças os conteúdos televisivos, em ajudá-las a interpretá-los, a filtrar e digerir certos tipos de programas mais problemáticos. Mas, esta forma de mediação é, comparativamente, menos frequente, e nem todos os pais estão conscientes ou têm conhecimento da importância que pode ter ao nível das experiências televisivas das crianças;

- a mediação não-focalizada ou indirecta é particularmente frequente durante o tempo de consumo, mas extravasa mesmo esse tempo. Esta forma de mediação exige menos implicação, menos envolvimento e menos intencionalidade por parte dos pais;
- a mediação avaliativa, que implica um envolvimento mais activo por parte dos pais, é a que ocorre com menos frequência. No entanto, há pais que conversam e comentam com os seus filhos os programas televisivos, que se envolvem na experiência televisiva das crianças ou que expressam essa preocupação. Estes pais são da opinião que os seus filhos aprendem mais com e através da televisão quando vêm acompanhados e/ou quando têm oportunidade de comentarem o que viram. Assim, parece-nos legítimo concluir que é importante para a aprendizagem das crianças que elas vejam televisão acompanhadas pelos seus pais e conversem com eles sobre o que estão a ver, e que é igualmente importante (sobretudo quando a situação anterior não se proporciona), que haja uma interacção entre pais e filhos depois (e não só durante) o momento de visionamento.
- os hábitos e preferências televisivas das crianças são muito semelhantes aos dos seus pais, o que nos leva a corroborar a principal conclusão do estudo desenvolvido por St Peters *et al.* (1991) segundo a qual, *“as famílias determinam não só a quantidade de tempo que as crianças vêm, mas também os tipos de programas e a qualidade da experiência televisiva”*;
- a mediação que os pais desenvolvem em relação à televisão que as crianças vêm influencia, como era já suposição nossa e vários estudos o documentam, a experiência televisiva das crianças, os usos e as aprendizagens que elas fazem em relação ao que vêm;
- as diferentes experiências que decorrem das posições sociais [distintas], leva a que as famílias atribuam significados, filtrem, interpretem e utilizem a experiência televisiva de diferentes modos.

## Comentário Final

Estas conclusões permitem-nos chegar a uma ideia central: a mediação feita pelos ‘adultos significativos’ na vida das crianças, pode influenciar a experiência televisiva das crianças e as aprendizagens que fazem do que vêem. É importante que pais, educadores, professores, em vez de assumirem peremptoriamente que a televisão tem um enorme impacto negativo nas crianças, procurem antes assumir alguma responsabilidade em precaver os efeitos negativos, e procurem actuar como mediadores nessa experiência.

A programação televisiva gera constantemente significados, mas nem todos os programas incidem da mesma forma em todas as crianças. As leituras feitas a partir das mensagens televisivas são diferentes consoante as crianças e as condições de recepção televisiva.

Do mesmo modo que Dorr (1986), consideramos as crianças uma *audiência especial*. Crianças detentoras de competências e de capacidades assinaláveis no plano cognitivo, da sociabilidade, e da comunicação, designadamente, sujeitos que exercem um papel activo na construção e interpretação das mensagens que recebem, mas que não podem prescindir das formas de mediação dos adultos, em relação às complexidades do mundo que as rodeia, e especialmente no que diz respeito à televisão.

Compreende-se então a importância de a família e as instituições educativas, que têm um papel protagonista e decisivo na educação das crianças, se complementarem nessa mesma educação, tanto pela necessidade de não oferecer pautas de conduta divergentes no processo educativo, como pela insuficiência de ambas, unilateralmente consideradas, para otimizar o potencial de desenvolvimento.

No entanto, sabemos que nem todos os pais estão conscientes da importância do seu papel de mediadores das experiências das crianças, nomeadamente, das experiências televisivas. Parece-nos então necessário um trabalho de sensibilização e de envolvimento dos pais. No que diz respeito à educação de infância, esse trabalho pode começar nas instituições de educação pré-escolar. É claro que é também necessário que os profissionais de educação de infância estejam, eles próprios, conscientes e sensibilizados para o desenvolvimento de um trabalho a este nível, o que passa, necessariamente, pela sua formação inicial.

Um trabalho a este nível desenvolvido só nas instituições educativas pode correr o risco de não ter continuidade. E, como já foi referido, se é principalmente em casa que a criança vê TV, é importante que os pais dêem continuidade àquele trabalho e que as crianças encontrem, no contexto familiar e no contexto pré-escolar, um espaço que lhes permita falar e explorar as suas experiências TV, e encontrem adultos que as possam apoiar e incentivar nesse sentido. Os pais podem fornecer ao educador dados sobre os hábitos televisivos das crianças, os seus programas

preferidos e a importância que a televisão assume na vida dos filhos; o educador pode sensibilizar os pais para a importância de ensinar as crianças a ver TV e incentivá-los a um trabalho conjunto sugerindo-lhes alguns procedimentos, estratégias e actividades a desenvolver, numa interacção combinada entre ambos. A televisão pode portanto ser um óptimo instrumento facilitador de um envolvimento efectivo dos pais nas instituições de educação pré-escolar.

A mediação que os adultos podem desenvolver em relação à televisão é então um elemento chave da educação para um uso criterioso da televisão, na medida em que é um processo estruturante da experiência televisiva da criança.

A mediação é também uma forma de promover os direitos das crianças à participação e à informação, direitos consagrados na *Convenção sobre os Direitos da Criança* que Portugal ratificou em 1990.

### **Referências Bibliográficas**

- Bryce, J., Leichter, H. (1983), 'The Family and Television: Forms of Mediation', in *Journal of Family Issues*, vol.4 (2), pp.309-328
- Dorr, A. (1986) *Television and Children: a Special Medium for a Special Audience*, London: Sage
- St Peters, M., Fitch, M., Huston, A., Wright, J., Eakins, D. (1991), 'Television and Families: What do Young Children Watch with their Parents?', in *Child Development*, nº 62, pp. 1409-1423
- Weaver, B., Barbour, N. (1992), 'Mediation of Children's televiewing', in *Families in Society; The Journal of Contemporary Human Services*, vol. 73